

## SABERES, FAZERES E SABORES DO/NO MANGUEZAL DO RIO ARAÍ

Miguel de Nazaré Brito Picanço<sup>1</sup>

Araí está localizada no meio rural, a 60 km do município de Augusto Corrêa, na região nordeste do estado do Pará. É um vilarejo com aproximadamente três mil habitantes, sendo uma das maiores comunidades rurais do município e tem como principais atividades produtivas a plantação de roça de mandioca e da pesca artesanal (PICANÇO, 2018). Esta última se processa nos manguezais do principal rio do lugar, denominado de Rio Araí.

Torna-se necessário registrar aqui que “os Manguezais<sup>2</sup> são ecossistemas que apresentam uma alta biomassa e concentração de biodiversidade. A alta produtividade favorece a exploração destes ecossistemas por muitas populações que vivem tradicionalmente da mariscagem e da pesca artesanal” (SOUTO, 2004, P. 22), como é o caso de praticamente todos os habitantes da região do salgado paraense, em particular dos moradores de Araí.

Dito isso, importa frisar que a pesca artesanal corresponde à totalidade da atividade pesqueira de Araí e está dividida em duas modalidades, a saber: a mariscagem, que corresponde à captura de siris, mexilhões, turus (*Teredo navalis*) e caranguejos e também a pesca propriamente dita, que corresponde a captura de peixes e camarões. A produção de camarões e caranguejos é comercializada na própria comunidade e também na capital do Estado. Já os outros produtos pesqueiros são consumidos exclusivamente pelos araienses.

Portanto, as imagens deste ensaio etnofotográfico que são de minha autoria, dizem respeito ao saber fazer a captura e a coleta de dois seres que povoam não apenas os manguezais do rio Araí, mas também as mesas dos araienses: o caranguejo e o turu.

## REFERÊNCIAS

PICANÇO, Miguel de Nazaré Brito. **NA ROÇA, NA MESA, NA VIDA: Uma viagem pelas rotas e desvios da mandioca ao fazer- se coisas de comer, no e além do nordeste paraense.** (Tese de doutorado). São Leopoldo, RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais: 2018.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais, pelo PPGCS da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, na linha de pesquisa: identidade e sociabilidade, na modalidade Doutorado Sanduíche (Bolsa/CAPES), com estágio doutoral pela Universidad de Barcelona no Observatorio de la Alimentación. Compõe a equipe de pesquisadores do Laboratório de Políticas Culturais e Ambientais do Brasil (LAPCAB) onde desenvolve pesquisas nas seguintes temáticas: sociabilidade, identidade e Antropologia da alimentação.

<sup>2</sup> De acordo com Souto (2004) “Os ecossistemas manguezais têm uma importância histórica na subsistência de comunidades pesqueiras através da utilização de variados recursos”. Essa posição do autor é confirmada pelos achados de [...] de depósitos de conchas, fragmentos de carapaças de crustáceos e restos de esqueletos de peixes (“sambaquis”), datados de 7.000 a 10.000 anos BP, evidenciam a utilização de áreas de manguezais pelos primeiros povos ameríndios da costa brasileira” (SCHAEFFER-NOVELLI; CINTRÓN-MOLERO 1999, apud SOUTO, 2004, p. 26).

SOUTO, Francisco José Bezerra. **A CIÊNCIA QUE VEIO DA LAMA:** uma abordagem etnoecológica abrangente das relações ser humano/manguezal na comunidade pesqueira de Acupe, Santo Amaro, Bahia. (Tese de doutorado). Universidade Federal de São Carlos, Programa de pós-graduação em Ecologia e recursos Naturais: 2004.

Recebido em: 20 de junho de 2018  
Aprovado em 22 de agosto de 2018











